

TESES E DISSERTAÇÕES

MAIA, Eber Martins. Trabalho e Saúde docente: um estudo de caso na rede pública municipal de Nova Iguaçu. Nova Iguaçu, 2028, 148f. ¹

Igor Andrade da Costa²

A dissertação defendida por Eber Martins Maia é a primeira pesquisa publicada no âmbito do projeto de pesquisa “Trabalho e saúde dos trabalhadores da educação”, que vem sendo desenvolvido pelo Laboratório de Investigação Estado, Poder e Educação (LIEPE), sob a coordenação do professor Rodrigo Lamosa (PPGEduc/UFRRJ). O projeto de pesquisa analisa a condição de saúde e trabalho dos docentes do Estado do Rio de Janeiro e o seu principal instrumento de coleta de dados é a “Enquete Docente” um questionário fechado sobre que tem por objetivo levantar os dados sobre a vida e as condições de saúde mental do professor das diversas redes públicas e privadas no estado. Este questionário “foi desenvolvido com base no modelo utilizado pela Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE) em sua pesquisa nacional sobre as condições de trabalho docente” (Maia, 2025, p. 104). Quando o questionário foi fechado para análise havia 1.024 respostas de docentes de todo o estado do Rio de Janeiro.

O trabalho de Maia (2025) contou com um minucioso levantamento bibliográfico e documental, além dos dados estatísticos levantados por meio da Enquete, com o recorte do município de Nova Iguaçu. O objetivo da análise empreendida é detectar os efeitos do avanço da agenda neoliberal sobre o trabalho docente e a organização político-administrativa da

¹ Orientador: Rodrigo de Azevedo da Cruz Lamosa. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

² Possui graduação em Geografia pela Universidade Federal Fluminense (2008). Doutor e Mestre em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (2019). Atualmente é membro do Laboratório de Investigações em Estado, Poder e Educação (LIEPE/UFRRJ) e membro do GT de Financeirização do Coletivo de Estudos em Marxismo e Educação (COLEMARX). É Professor Docente I de Geografia na SEEDUC-RJ e na SME-RJ.

escola e, em que medida, tal avanço tem relação com o que a pesquisa categoriza de mal-estar docente, qual seja, o sofrimento psíquico decorrente do avanço da subsunção do trabalho sob a dinâmica do modo de regulação social neoliberal. Deste modo, a hipótese levantada por Maia (2025) é que as alterações e aprofundamentos nas formas de manifestação do mal-estar docente estão relacionadas não só a intensificação do trabalho, mas, também ao avanço em direção à subsunção real do trabalho docente.

O trabalho docente, que ainda guarda alguma conexão com o trabalho artesanal, qual seja: o domínio técnico e a elaboração dos conteúdos e tempos de trabalho, ainda que sob a dinâmica formal do trabalho assalariado e com parte dos meios de produção tomados pelo proprietário privado ou pelo Estado. Estas formas tradicionais de reprodução do trabalho docente têm sofrido forte ataque, pelo menos desde a década de 1990, período coincidente com a emergência da agenda neoliberal na América Latina. Agenda está caracterizada pelo ideário da diminuição do Estado, por meio das privatizações de empresas públicas e do avanço da administração gerencial da gestão pública, que pretende criar, no âmbito da administração estatal um simulacro de empresa privada. É neste contexto que se expressa “a transição da subsunção formal para subsunção proto-real do trabalho docente realizado no interior das escolas públicas diante das contrarreformas educacionais” (Maia, 2025, p. 14).

Maia parte do pressuposto do Estado como uma relação social e, desde modo, a transição para o modelo de desenvolvimento flexível, em razão da crise do regime de acumulação taylorista-fordista tem por consequência a emergência de novas formas de relação entre Estado e sociedade. O Estado, exercendo seu papel de educador das classes subalternas, impõe novas formas de sociabilidades voltadas ao consentimento ativo com a intensificação da exploração do trabalho demandas pelo regime de acumulação toyotista e a dinâmica neoliberal de reprodução social. Com isso, na medida em que a produção do capital sob o modo de reprodução social neoliberal demanda um novo tipo humano, o sofrimento psíquico emerge como contradição do sujeito que se vê instado a aceitar a intensificação da exploração e a degradação da vida como o “novo normal”.

O Estado educador tem na escola um importante aparelho de hegemonia para a legitimação e difusão da nova sociabilidade do “sujeito-empresa” neoliberal (Maia, 2025, p. 22). Outrossim, o docente como sujeito promotor da nova sociabilidade deve “vestir a camisa” e, com isso, vê as formas tradicionais de organização da escola e do seu trabalho submetidas a uma dinâmica renovada de controle de metas e avaliação contínua do trabalho,

onde o planejamento e gestão do trabalho são cada vez mais distanciados de sua execução. No contexto, de uma escola que deixa de se enxergar como promotora de um direito social para reproduzir a dinâmica empresarial, a prática pedagógica se volta à dinâmica do mercado caracterizando a morte ontológica do trabalho docente (Maia, 2025, p. 49).

O trabalho na sua dimensão ontológica é uma categoria axial na pesquisa de Maia (2025), o autor destaca o aguçamento das contradições entre capital e trabalho no modo de regulação neoliberal. O trabalho docente é o objeto da pesquisa de Maia (2025) é neste sentido que o autor aponta que a emergência de novas formas de controle do trabalho que intensificam a exploração tem impacto direto na saúde mental, tendo em vista que a precariedade existencial na sociabilidade neoliberal recrudesce a perda de sentido do trabalho. Deste modo, crescem as licenças médicas provocadas pelo adoecimento mental, entre as quais: transtornos de ansiedade, depressão, a associação entre depressão recorrente e transtorno bipolar e burnout Maia (2025, p. 55).

Para o autor, o recrudesimento da Teoria do Capital Humano, associada ao empresariamento da educação a partir da década de 1990 marcou demarcou a emergência da dinâmica neoliberal na educação, caracterizada pela desconfiguração da escola como um direito social e a introdução mecanismos de controle da subjetividade como: a modelagem do comportamento e a metrificação educacional por meio dos sistemas de avaliação padronizada. Este ideário neoliberal foi disseminado por organismos internacionais como o Banco Mundial, a UNESCO e a OCDE que, em linhas gerais, agudizaram a separação entre planejamento, gestão e execução do trabalho pedagógico. Para Maia (2025, 85) a emergência desta dinâmica capitalista na educação está profundamente relacionada ao “mal-estar, o sofrimento e o adoecimento dos trabalhadores”.

Os dados coletados na Enquete Docente apontam que 94,2% dos docentes respondentes se encontram em efetivo exercício da docência (752), enquanto apenas 18 (2,3%) estão em processo de requalificação/readaptação e 4 (0,5%) em requalificação permanente. Quanto à forma de admissão, os dados evidenciam que nas redes municipais, a forma predominante de vínculo empregatício é o estatutário, onde os servidores efetivos/concursados representam 92,4% (737) dos vínculos, com uma pequena parcela de contratos temporários 6,6% (53,). Outras modalidades de contratação são residuais: 4 (0,5%) via CLT e 1 (0,1%) como pessoa jurídica. Apenas 2 respondentes (0,3%) preferiram não informar (Maia, 2025, p. 112).

Quanto ao segmento de atuação dos respondentes, predominam os docentes estão do Ensino Fundamental II, com 51,6% (412,), seguido por 32,6% do Ensino Fundamental I (260) e 15,3% da Educação Infantil (122). Com relação às condições de trabalho e remuneração dos docentes das redes municipais, os dados revelam que, em relação aos vencimentos, a maior parte dos professores encontra-se em faixas salariais intermediárias: 24,1% recebem entre R\$ 4.501 e R\$ 6.000, enquanto 22,2% estão na faixa de R\$ 3.001 a R\$ 4.500. Chama atenção o fato de que 20,1% dos respondentes declararam ganhar acima de R\$ 7.500, evidenciando certa heterogeneidade na remuneração. Por outro lado, uma minoria (0,3%) afirmou receber menos de R\$ 1.500 (Maia, 2025, p. 123).

No que diz respeito à jornada de trabalho, 31,8% dos respondentes trabalham entre 30 e 40 horas semanais, 25,8% trabalham entre 40 e 50 horas por semana. E 9,1% responderam trabalhar mais de 50 horas por semana, indicando sobrecarga laboral. Com relação ao tempo na docência, os dados explicitam o envelhecimento da categoria: 38,9% dos docentes têm entre 11 e 20 anos no magistério, 26,3% possuem entre 21 e 30 anos de trabalho e apenas 11,8% têm menos de cinco anos de carreira na rede pública (Maia, 2025, p. 124).

Entre as enfermidades que mais acometem os docentes, destacam-se: 56,6% sofrem de estresse, 40% de insônia, 39% de problemas de voz e 36,8% de rinite. Com relação ao adoecimento mental, destacam-se a depressão (34%) e a síndrome de burnout (19,4%) (Maia, 2025, p. 130). Com relação ao tratamento do adoecimento mental 56,4% dos respondentes afirmam que fizeram ou fazem psicoterapia, contra 42,5% que afirma nunca terem recorrido ao tratamento psicoterápico (Maia, 2025, p. 130).

A partir dos dados coletados na Enquete docente, Maia afirma que existe uma relação direta entre o avanço da dinâmica neoliberal na educação e o adoecimento físico e mental dos docentes. A materialidade do modo de regulação neoliberal na educação se dá por meio de mecanismos gestão por metas, da introdução do sistema de avaliação em contraposição à precariedade estrutural da rede e a pesada jornada de trabalho. Portanto, o empresariamento da educação, ao intensificar a jornada de trabalho dos docentes tem impacto direto na sua condição de saúde. A pesquisa de Maia (2025) consegue atender aos pressupostos do materialismo histórico e dialético ao explicitar a concretude do trabalho docente e os efeitos da exploração que precariza a vida dos professores. Deste modo, fica evidente que as reformas educacionais implementadas à pretexto da melhoria da qualidade, na realidade,

funcionam como mecanismos de adequação da instituição escolar e do trabalho docente à dinâmica do capitalismo no século XXI.